

Anna Wolny

Universidade Jaguelônica
anna.wolny@uj.edu.pl

 <https://orcid.org/0000-0003-4413-1718>

“VOLTAVA A SER UM
POLONÊS OLHANDO
PARA O INIMIGO” –
ALGUMAS REFLEXÕES
SOBRE A ETNICIDADE
NA ESCRITA DE LETÍCIA
WIERZCHOWSKI¹

“Staring at the enemy, he would become Polish again” – a few reflexions on the notion of ethnicity in Leticia Wierzchowski’s novels

ABSTRACT

The main aim of the following article is to present the ways in which Leticia Wierzchowski, herself a descendent of “poloneses” (Poles), undertakes the (de)construction of an ethnic stereotype around Polish immigrants. First of all, we present some factors that participated in the definition of the pejorative ethnic stereotype. Next, based on her novel *Uma ponte para Terebin* (“A bridge to Terebin”) the author’s commitment for the sentiment of cultural belonging is discussed. It is implied that, in addition to manifesting them on personal plan, the writer mentions problems related to the existence of her ethnic group, subscribing herself into a long cultural and historical discussion. The question to which the following analysis tries to present possible answers is whether the author deconstructs the stereotype, perpetuates it, or tries to create a new meaning to replace it.

KEYWORDS: new Latin-American historical novel, ethnicity, Polish immigration to Brazil, Leticia Wierzchowski.

Apesar de o assunto da história da presença de imigrantes poloneses já ter recebido – tanto ao seu longo, como *a posteriori* – a devida atenção da parte de historiadores e sociólogos (e seria necessário mencionar aqui, a título de exemplo, os trabalhos de Budakowska 2014, Dembicz 2000, Kula 1983 e 2012, Olcha 1971, Oliveira 2015, Wenczenovicz 2020), poucas são obras literárias que se debruçassem sobre ele². Seja pela complexidade da problemática que ele evoca, seja por dificuldades da representação artística, a história da presença polonesa no sul do Brasil não inspirou ainda nenhuma obra romanesca que ocupasse lugar

¹ This publication was funded by the program Excellence Initiative – Research University at the Jagiellonian University in Kraków.

² Cf. Weber 2008.

no cânone literário nacional, como foi o caso de *Canaã* de Graça Aranha. Faltam também exemplos de autores nacionalmente reconhecidos e consagrados cuja obra se concentrasse nas questões relativas à presença dos seus conterrâneos no Brasil, como é o caso de Milton Hatoum ou Moacyr Scliar. Neste contexto, a escrita de Leticia Wierzchowski contitui um caso à parte, por “preencher uma lacuna na história da literatura do Rio Grande do Sul, buscando, através do exercício da memória, recuperar os vestígios da presença étnica e cultural de poloneses na região sul” (Bernd 2013, 30). Trata-se aqui dos seus romances intitulados *Cristal polonês* (publicado pela editora Record em 2003), *Os Getka* (Record, 2010) e *Uma ponte para Terebin* (Record, 2005), que vai ser aqui destacado.

As obras acima enumeradas podem ser classificadas como exemplos do novo romance histórico latinoamericano, segundo a sua definição apresentada por Fernando Aínsa (1991). Tentando oferecer uma releitura crítica dos processos históricos e rejeitando o compromisso com a dita “verdade histórica” estabelecida pela historiografia oficial, este tipo de narração proposadamente abandona os padrões e moldes consagrados. O novo romance histórico latinoamericano concentra-se naquilo que ficou à margem, esquecido ou ignorado, mostrando preferência por individual em vez do coletivo e pessoal em vez do objetivo. Todas estas ideias podem ser referidas e aplicadas a romances de Wierzchowski. Como o indica uma das pesquisadoras que comentaram a sua obra, também no caso desta autora “a imaginação criadora completará as lacunas do que foi ocultado ou apagado” (Bernd 2013: 31).

Por essas razões, acreditamos não haver aqui necessidade de expor todos os detalhes concernentes processos históricos complexos que moldaram a etnicidade polonesa no sul do Brasil. No entanto, como se trata de uma suposta tentativa de desmontar um certo estereótipo que tem a ver com a pertença étnica, parece adequado explicar os fatores que influenciaram o seu surgimento. A língua, por mais que pareça objetiva e neutral, vem sempre carregada de significados implícitos, o que no caso desta pesquisa se comprova através da simples escolha do gentílico – a existência de *polaco/polaca* e *polonês/polonesa* não se apoia na relação de sinonímia³. Como explica uma das pesquisadoras: “a correlação criada entre o termo *polonês* e *polaco* passava a ter, na sociedade local, uma identificação com a agricultura, ao mesmo tempo em que ser de origem *polaca* era admitir que se pertencia a uma camada mais baixa da sociedade” (Doustdar 1990: 72). Sem nos deter nos fatores decisivos para tal percepção, é também importante referir que o preconceito que envolve o homem difere muito daquele associado com a figura feminina. Enquanto o *polaco* sofria menosprezo por participar na agricultura de subsistência e resistir à aculturação, a *polaquinha*, “personagem típica da cidade de Curitiba, tema de farta literatura, associada, em geral, às empregadas domésticas e às prostitutas; (...) era durante muito tempo, alvo de comentários preconceituosos dos jornais” (Pedro 2001: 296 in Priore 2001). Por mais que o seu equivalente masculino seja considerado apenas “o personagem das anedotas” (Buchmann 1995: 35), as consequências da associação da mulher polonesa com o submundo da prostituição vão perdurar na memória cultural ao ponto de se usar este gentílico como sinónimo de prostituta⁴.

³ Optamos neste artigo por utilizar o termo atualmente em uso na norma do português do Brasil, *polonês/polonesa*, visto que entre três gentílicos que constam nos dicionários (*polaco*, *polônio*) é o vocábulo mais neutro e mais frequentemente identificado.

⁴ Cf. Wolny 2020.

O imigrante acaba por ocupar uma posição ambígua, porém sempre subalterna: “não é nem polonês nem brasileiro: é polaco” (Ianni 1972: 198). O processo da sua aculturação e inserção na sociedade brasileira vai sempre levar a marca deste estatuto. Verificam-se várias provas do preconceito já no livro pioneiro de Wilson Martins (1955), onde, sem recorrer a quaisquer dados estatísticos, o autor avalia negativamente tanto as capacidades do grupo imigratório polonês, como a sua influência para o novo meio. O trabalho posterior de Octavio Ianni, mais explícito na documentação do preconceito (por utilizar – e distinguir – o termo *polaco*) nota uma aproximação ao negro africano na percepção dos poloneses – o subcapítulo 4 do seu trabalho é intitulado “O polonês e o negro”. A frase usada por um dos respondentes no inquérito de Ianni, “O negro do Paraná é o polaco”, registada e citada por este sociólogo permaneceu na memória cultural do sul do Brasil como um lugar comum anónimo; porém, constitui mais um exemplo da sua ideia de que, “no quadro das ideologias raciais dos grupos que compõem a comunidade, o polonês e o negro amiúde aparecem juntos” (Ianni 1972: 184). Podem-se encontrar provas desta aproximação também noutras pesquisas:

Pertencentes a um grupo de imigrantes que chegou tardiamente à região e ocupou as áreas menos férteis, os poloneses, em especial as polonesas, ocuparam na área urbana serviços considerados subalternos, que em outras regiões do país eram executados por populações de origem africana (Pedro 2001: 297).

No senso comum rio-grandense, os poloneses passaram a ser vistos pela comparação com os seus pares, os alemães e italianos, e os países de origem contavam pelo poderio das nações no presente e pelos laços contemporâneos que esses países mantinham com o Brasil (Weber 2008: 320).

Como resultado de vários fatores, desenvolve-se um estigma preconceituoso em relação à origem étnica polonesa, registrado por Wachowicz (1981: 142). “Os estereótipos como *polaco sem bandeira*, *polaco burro*, *polaco e colarinho não se quadram*, *polaco burro é pleonasma*, levaram alguns descendentes de poloneses a adquirirem um complexo de inferioridade, em relação à sua origem étnica.” O imigrante camponês de origem polonesa funciona “subestimado e categorizado negativamente ao longo de décadas” (Budakowska 2014: 99).

Letícia Wierzchowski utiliza no seu livro uma narradora homodiegética na primeira pessoa, identificável com ela, para cumprir uma tarefa específica que lhe coube pelos laços de parentesco. Ela pretende contar (e ao mesmo tempo recriar, já que não possui fontes suficientes para falar sobre toda a vida do seu antepassado) a história do avô que, como muitos outros cuja memória também se apagou, “parte da Polónia e tenta a sorte na América” (*Uma ponte para Terebin*, 4)⁵. O objetivo da autora, manifestado no livro, é retratar “a presença polonesa no sul do país a partir de fragmentos (resíduos) memoriais como cartas, fotografias, relatos orais, onde o tom é dado pela memória afetiva” (Bernd 2013: 29). A intenção em “não permitir que os rastros do avô, um cidadão comum, um

⁵ O título do romance no resto do artigo vai ser abreviado como UPPT.

imigrante pobre, sejam apagados” (Bernd 2013: 35) vai ter as suas consequências para o romance, que adota tons subjetivos e pessoais.

A ponte presente no título evoca três travessias atlânticas do avô – que cruza o oceano pela primeira vez em 1936, para depois voltar à Europa com o objetivo de lutar pela pátria anteriormente abandonada. Apenas a terceira viagem é definitiva. No entanto, a ponte continua a existir, graças ao esforço da neta que, com todo o conhecimento e consciência posterior aos acontecimentos descritos, reconstrói a vida (sinonímica com a viagem) do avô.

Vale a pena ressaltar aqui a ambivalência quanto ao sentimento da pertença nacional no grupo de imigrantes poloneses. Por um lado, estudiosos como Kawka (1996: 45) defendem a ideia da existência de laços identitários fortes: “Os poloneses haviam emigrado de um país onde a sua identidade nacional havia sido ameaçada pelas potências de ocupação. (...) fizeram todos os esforços para preservar a sua identidade nacional. Mantinham vigorosamente a sua língua e os costumes poloneses.” Por outro, pode-se igualmente argumentar que o imigrante-camponês, “trazendo com ele à América uma noção de pátria obscura, (...) cultiva em primeiro lugar a solidariedade da comunidade familiar e paroquial. A sua polonidade resume-se a um tipo físico diferente, diferença nos costumes, a língua e a fé católica” (Mocyk 2005: 207). A escrita de Letícia Wierzchowski, tanto no nível textual, como simbólico, comprova que a autora dá razão à primeira abordagem do problema identitário. Manifestando um forte compromisso com o sentimento de pertença cultural, Wierzchowski nem pretende mostrar-se como uma narradora objetiva da sua história familiar, ela também, aliás, sendo uma das personagens do livro. Certamente, a autora, “ao narrar histórias de sua família e ao entrar em contato com a memória coletiva da mesma e de tantos outros poloneses que passaram por igual situação, está reconstruindo sua identidade e criando vínculos com o passado” (Tofanelo 2018: 33). E mais, parece utilizar a favor da sua argumentação o conhecimento superficial da realidade e história polonesa (e do conseqüente grupo imigratório) por parte do seu leitor. A valorização da etnicidade com a qual se identifica é indubitável, alcançando às vezes, na tentativa de defender uma posição indefensável, um nível panegírico. No entanto, as suas tentativas de lutar contra o preconceito injusto através da desconstrução do estereótipo podem também ter o resultado contrário, concentrando a atenção do leitor na sua existência e alertando sobre a sua pertinência. Vamos tentar observar esse processo mais detalhadamente fazendo uma análise dos excertos do romance em questão.

São indubitáveis os esforços da autora de resistir à carga negativa do estereótipo. À primeira vista, a intenção mais fácil de detectar no texto é precisamente esta: desmentir e desconstruir o preconceito injusto, corrigir a percepção errada e conclusões que dela advieram. Contudo, apesar de a autora certamente reconhecer a diferença da carga pejorativa sobre o *polaco* no masculino e a *polaca* no feminino, decide referir-se apenas a este primeiro desdobramento do gentílico. Podia-se explicar a sua decisão pelo facto de ter centrado a narrativa num homem. Todavia, é interessante observar que a segunda esposa de Jan (com quem casou já no Brasil), de nome Anna, é apresentada como filha de polonês e uma mãe checa (*UPPT*, 69)⁶ – o que pode ser interpretado como uma

⁶ É necessário notar aqui, que para a mãe de Jan – que não deve ter consciência do preconceito existente no Brasil - o facto de o seu filho ter casado com uma mulher proveniente da mesma cultura é uma fonte de alívio (“a minha nora, a Anna, que pelo menos era polonesa”, *UPPT*, 52).

tentativa de afastar esta personagem do problema discriminatório testemunhado pelo seu marido, evitando a necessidade de desdobrar os detalhes do preconceito contra mulheres desta etnia.

Podem ser encontrados no texto várias passagens, em que o estereótipo é mencionado de uma forma direta, como por exemplo no momento da narrativa quando Jan toma a decisão de se juntar à luta armada na Europa:

Jan sorriu no escuro, não era um “polaco sem bandeira”. Amava a sua pátria e lutaria por ela, mesmo que para isso tivesse de se afastar do menino. O importante era não morrer no campo de batalha e retornar um dia, quando a guerra acabasse e os *hitlerowcy*⁷ pagassem o que deviam à Polónia e ao seu povo (*UPPT*, 157).

Jan é sempre apresentado como um homem que, apesar de viver afastado do seu país de origem, nutre a ideia de patriotismo fervoroso e proativo. Um dos argumentos mais usados por Wierzchowski na defesa da imagem positiva do seu grupo étnico é, aliás, a referência ao patriotismo polonês, visto como um elemento intrínseco à identidade étnica em questão. Note-se também que a autora não aprofunda a complexidade deste conceito face à situação histórica e política daquela região europeia nos tempos que descreve – não distingue as suas facetas, identifica também como o fervor nacional a ligação que o avô mostra para com a sua região. Podem ser lidos também trechos, como o seguinte, em que a autora menciona a inexistência do país devido às partilhas (um argumento que facilmente desmontaria a sua visão do patriotismo nacional), sem explorar as consequências do fato histórico que menciona:

Jan, como a maioria dos poloneses, tinha ficado muitos anos servindo no exército. A Polónia, depois de diversas partilhas, durante 113 anos havia desaparecido do mapa; mas naqueles tempos vivia um período de recalcitrante paz e unidade (*UPPT*, 5).

Nalguns fragmentos, pode-se discutir que a sua insistência na virtude do avô torna a sua convicção exagerada. A Polónia revela-se como “a pátria, que ele amou com incansável fervor até o último momento da sua vida (*UPPT*, 5).

A autora refere também outros traços de carácter que se inscrevem sob esse mesmo grupo de valores, como por exemplo a confiabilidade: “a palavra para um homem polonês não era instinto, era honra”. (*UPPT*, 291) e a solidariedade: “insubstituível na vida daquele polonês, pois ela era gente da sua gente” (*UPPT*, 46). Em resumo, Wierzchowski apresenta o seu antepassado como uma figura de carácter e atitudes consistentes e (a não ser a sua propensão libidinosa, que ainda vai ser evidenciada). Leia-se como exemplo:

⁷ O vocábulo “*hitlerowiec*” denota em polonês um apoiante da política de Hitler, mas também servia como alcunha pejorativa para alemães em geral e, mais precisamente, soldados do exército alemão. Tanto este, como outro adjetivo utilizado pela autora (*szwaby*) têm conotações pejorativas, o que pode levar a crer que, posicionando-se contra um preconceito relativo à pertença nacional, a autora faz uso de palavras que servem a criar outro paralelo, desta vez relativamente à “nação inimiga”.

Janek é um polonês em tudo. Come como se lá fora estivesse nevando, e não este novembro ardente que faz amarelar a grama do jardim e secar as florezinhas dos jacarandás de que ela tanto gosta (*UPPT*, 72).

Sublinha-se no romance também várias vezes que, apesar da distância geográfica, nunca se apaga da memória do seu protagonista a obrigação que tem com a sua pátria distante: “Porque Janek está longe. Mas a Polônia está dentro dele” (*UPPT*, 73). Por mais que se entenda o seu interesse pelas atividades de instituições polônicas locais (como a Sociedade Polônia – “um dos grandes alicerces da sua existência” (*UPPT*, 44), que aparece no texto e estrutura a rotina de Jan), a maneira como a autora descreve o seu engajamento parece excessiva. “Cada célula e cada átomo do seu corpo querem se atirar à defesa da Polônia” (*UPPT*, 100)⁸

O leitor depara-se, aliás, com um tom similarmente trágico ao longo de todo o romance, marcado pela perda do filho primogênito que leva o nome do seu pai no diminutivo (Janeczek). O menino morre em 1950, aos 11 anos, mas espalham-se pela narrativa indicações sobre a sua fraqueza física (por exemplo na conversa do pai com outro soldado, quando este primeiro confessa que antes da guerra: “ele ainda era um menino saudável, meu Janeczek” (*UPPT*, 300). O destino fatal paira sobre as personagens de um modo perceptível. A mãe, com um heroísmo estóico, parece estar a adivinhar a tristeza futura:

E também, pensou Anna olhando-o dormir, também porque ele a olhava de um jeito... Eram uns olhinhos tristes, e alguma coisa impalpável que Anna tentara explicar à mãe numa carta: “Ele parece estar sempre com receio de ser, de pedir o meu amor, matka; no entanto, eu tenho tanto amor em mim” (*UPPT*, 38).

Noutra cena notável, observa-se Anna a imaginar ingenuamente o futuro do filho, em que se cumprem todas as suas expectativas e maiores desejos (o que tem como objetivo tornar a perda ainda mais dolorosa):

O futuro do menino. Quando crescesse, Janeczek seria médico. Era o que seu marido queria para o filho deles, e ela não duvidava, não duvidava nadinha de Janek. Ele trabalharia e juntaria muito dinheiro, e um dia ela haveria de estar num salão muito fino, cercada de senhoras da sociedade, e usaria um vestido elegante, não feito por ela, mas comprado numa loja, e teria pérolas no pescoço, e as pérolas fariam um barulhinho manso, *shin, shin, shan, shan*, quando ela mexesse os braços e o colo, aplaudindo o filho com seu diploma de médico... Sim, podia ver-se lá, com Janek ao seu lado (*UPPT*, 122).

Vale a pena mencionar também referências a gostos e preferências vistas pela autora como representativas para um polonês, tal como o amor ao clima frio. Confessa no romance um médico polonês: “Ah, os invernos da Polônia é que eram felizes. Se não fossem os meus pacientes, era lá que eu estaria agora” (*UPPT*, 205). Esse tipo de constatação

⁸ Nota-se o mesmo tom exagerado quando Jan, sempre acompanhado do gentílico “o polonês” é visto como “o homem mais bonito do mundo” (*UPPT*, 25).

certamente faz parte do imaginário idealizado da autora, uma brasileira que nunca viveu por períodos prolongados neste tipo de condicionamento climático.

A parcialidade de Wierzchowski perante o estereótipo que marca negativamente a comunidade à qual a autora pertence e que representa na sua escrita é óbvia, mas é de se esperar. Contudo, mesmo na sua narrativa em que abundam argumentos contra o preconceito, aparecem também fragmentos que poderiam ser interpretados como favoráveis a certas partes do estereótipo. Vamos passar agora a expor algumas passagens em que, talvez por querer manter aparências de objetividade ou seguindo um projeto artístico, a autora mostra características e comportamentos que poderiam estar incluídos no dito estereótipo.

Note-se em primeiro lugar a reprodução da pressuposta vocação camponesa dos poloneses: “Os poloneses, essencialmente agricultores, em geral conheciam Porto Alegre de passagem, a caminho das colônias do interior do estado. Mas alguns ficavam ali” (UPPT, 44).

A autora, seja para se esquivar de acusações de criar um panegírico, seja para criar uma imagem fiel, relata alguns dos (poucos e desculpáveis) vícios do seu herói. Alguns parecem excusáveis pelas circunstâncias em que foram adquiridas: “no tempo do exército, Jan se descobrira um grande jogador de pôquer” (UPPT, 34), outros surpreendem mais. Trata-se aqui principalmente das descrições de infidelidade conjugal, um ato que não condiz com o sentimento de honra e lealdade tantas vezes atribuído a Jan. A autora tenta explicar e até absolver a atitude do homem, mostrando-a como mais um traço nacional: “Os poloneses têm sangue quente e ela sabe disso. Mas Janek? Janek é incurável. E ela não o culpa. Não culpa sequer as outras, as que suspiram por ele” (UPPT, 111). Esclarece também as razões da sua indulgência, numa passagem metatextual: “Mas esta não é uma história de traições, e o que Anna pôde esquecer, também eu poderei certamente” (UPPT, 138). Repare-se que o “sangue quente” pode ser desculpado como mais uma prova de que “o polonês sempre foi um povo muito forte de temperamento” (UPPT, 79).

O adultério cometido por um homem também visto como um *pater familias* imaculado choca-se contra várias provas do tradicionalismo vigente nesta casa exemplar. O marido apresenta atitudes ultraconservadoras, beirando à ultracatólicas no seu ritual diário: “Jan se sentou sem lavar as mãos, ainda de sapatos. Geralmente, a esposa lava-lhe os pés e trazia as chinelas de andar em casa” (UPPT, 115).

O seu tradicionalismo reflete-se também nas suas preferências alimentares, que representam simbolicamente quase toda a herança culinária do seu grupo étnico. Encontram-se nesta lista “o bigos, uma espécie de ensopado feito de carne de porco, os pierogi, a borszcz, a sopa de beterrabas com nata, a sopa de repolhos, a gelatina de carne e outras iguarias polonesas que a Jan apetecia comer diariamente” (UPPT, 55). Observe-se a maneira como alguns dos vocábulos aparecem diretamente no texto, e outros vêm acompanhados por uma curta explicação. Wierzchowski conta com o possível conhecimento desta realidade por parte do seu leitor brasileiro, ao mesmo tempo servindo-lhe uma enumeração de pratos emblemáticos, sublinhando o seu exotismo.

O maior problema que o texto de Wierzchowski provoca em qualquer leitor consciente do preconceito contra os poloneses, é a sua convicção sobre a dificuldade linguística. Esta, por sua vez, surgiu mencionada já no texto de Wilson Martins (1955), e, segundo vários pesquisadores posteriores constitui uma avaliação injusta. Wierzchowski, que confessa nas entrevistas não ter conhecimento de polonês, provavelmente aumenta de um modo

exagerado os problemas que os seus antepassados tiveram que ultrapassar aprendendo o português. Vejam-se dois exemplos:

“Quatro rios aqui deságuam seus humores. O Caí, o Jacuí, o Gravataí, e o dos Sinos.” E tais palavras haveriam de dançar na sua boca tão desacostumada às vogais, eternamente desacostumada, aquela sua boca de imigrante polonês (UPPT, 46).

Jan largou o jornal, cansado de juntar vogais às consoantes — e eram tantas vogais, pensava ele, um sobejo de sons que dançavam, inquietos, na ponta da sua língua sempre que tentava uma conversa mais longa em português (UPPT, 64).

Perante a inevitável pergunta sobre a assimilação cultural, Wierzchowski parece dar uma resposta parcialmente negativa e vê nisso mais uma característica positiva dos poloneses — orgulhosos na sua diferença, recetivos mas resistentes à cultura do país da chegada. Não deixam achatar a sua diferença cultural, mesmo que isso implique ocupar uma posição marginal ou até ficar socialmente excluído. Não se trata aqui apenas de língua, até os elementos da nova realidade brasileira que facilmente poderiam se tornar parte da vida do seu avó, tornam-se problemáticos:

As vastas praças arborizadas, as ruas movimentadas de gentes que seguiam para seus trabalhos, os homens elegantes, as senhoras de vestidos coloridos e sapatos finos, que iam e vinham, andando nas largas calçadas onde os ambulantes vendiam frutas e jornais, enchiam os olhos de Jan, e seus ouvidos também — o português era um mistério que ele custaria muito a desvendar. Assim como a banana, fruta que lhe causaria um eterno desconforto (UPPT, 53).

Os argumentos acima foram apresentados para provar que a escrita de Wierzchowski não tem o intuito de apenas denegrir o imigrante polonês. Contudo, é certo que a autora muito menos pretende prolongar o preconceito ou reforçar a sua carga na realidade brasileira atual, em que a inserção e a assimilação cultural dos poloneses tornaram-se um fato. Daí vem a hipótese mais provável — a autora está a propor um novo tipo de imagem dos poloneses, realçando no seu texto elementos ignorados pelo estereótipo existente, e que podem servir de base para um conceito identitário diferente e afirmativo.

Podem-se enumerar vários momentos na sua narrativa, em que tal tentativa fica evidente. Utilizando elementos que o próprio estereótipo explorou (como por exemplo o apego ao passado histórico), a autora apresenta a visão de um grupo que cultivava a sua história com um tom quase religioso: “«É um livro polonês», dissera ele, repetindo o nome do autor: Henryk Sienkiewicz. «É sobre o quê?», perguntara-lhe. «Sobre uma guerra. Toda a história da Polônia é sobre guerras»” (UPPT, 297). Esta tentativa revela-se também visível na resenha do livro, escrita por uma historiadora brasileira:

Em *Uma ponte para Terebin*, os poloneses não aparecem pelo que eles não são entre os gaúchos, mas pelo que foi a história de um dos povos mais sacrificados desde o surgimento dos modernos Estados Nacionais, e o leitor é motivado a compreender por que o personagem principal deixa a mulher e o filho brasileiros para ir lutar numa guerra que não era do país que escolhera para viver, mas daquele que deixara (Weber 2008: 320).

Obviamente, esta abordagem tem como consequência uma visão um tanto distorcida. A história aparece no romance como mais uma protagonista, inimiga dos poloneses, cujas ações limitam a agência destes últimos e os destroem. A Segunda Guerra Mundial, como um epítome de história cruel e injusta, é retrada como central para a criação da identidade polonesa, como um fator unilateral e unificador. Afirma-se fervorosamente no texto: “Na Polônia, desapareceu quase tudo quanto foi homem, e muitas mulheres e crianças também. (...) A Polônia renasceu das cinzas, das cinzas da sua gente” (UPPT, 63). Os poloneses apresentam-se como um povo vingativo, violento e cruel perante os seus inimigos, numa visão polarizada em que o papel do maior malfeitor atribui-se primeiro e principalmente aos alemães: “Naquele tempo, no auge da guerra, todos os poloneses lutavam contra os alemães. Era um ódio que nenhuma palavra jamais vai poder definir. Amanhecia e a gente via pintado nas fachadas das casas que os alemães ocupavam: «*Polska Walczy*»” (UPPT, 61). A autora cria um imaginário histórico em que a hostilidade é retratada por meio de metáforas canibalescas: “Os dois maiores inimigos da Polônia vão comer o seu cadáver com garfo e faca” (UPPT, 103). É curioso notar uma falta de referências à vizinhança da comunidade alemã, que também está presente no sul do Brasil. Talvez o objetivo seja de ajudar o leitor brasileiro na distinção entre os alemães contagiados por maldade⁹ e os representantes do mesmo grupo étnico que vivem pacificamente e contribuem para o desenvolvimento da nova sociedade híbrida. Com certeza, imaginando o inimigo em cuja presença se revela a identidade dos poloneses¹⁰, Wierzchowski evita procurar por ele entre outros grupos imigratórios, apesar de terem existido conflitos entre eles.

O romance, sem que tenha intenções ou compromissos com a verdade histórica, parece convencer o leitor que a imagem da história que apresenta é bastante fiel ao que realmente aconteceu na Europa. A nosso ver, esta declaração implícita dá-nos o direito de comentar os momentos em que a narrativa faz uso do discurso histórico, interpretando-o a favor da tese principal (que é, neste caso, a superioridade do povo polonês através da capacidade de – e prontidão para – o sofrimento heróico). Este fenómeno acontece quando são traçados paralelismos entre a história dos poloneses e dos judeus (no mínimo desconfortáveis a luz das informações acerca dos seus contactos e relações durante a Segunda Guerra Mundial):

O que eu sei é que nós, poloneses, nós sofremos muito, anos e anos, ninguém sabe o que é viver sem o seu país, ninguém sabe disso, a não ser os judeus, e nisso a vida é engraçada mesmo. Os judeus foram muitas vezes maltratados aqui na Polónia, e um dia vieram os alemães e trataram os poloneses como se eles fossem os judeus de antes (UPPT, 59).

As mágoas do povo polonês são *a priori* inesquecíveis, a narradora encontra nelas não só uma fonte infinita para a criação de identidade nacional, mas também um meio infalível de transmitir a memória desta mesma identidade, já que “até na morte (me) revolta o que um polonês teve que suportar na sua própria pátria” (UPPT, 49). Wierzchowski oferece a nosso ver uma leitura de identidade nacional masoquista:

⁹ Denominados 38 vezes ao longo do texto como “*szwaby*”, sendo aqui utilizado um gentílico pejorativo criado na língua polonesa (ver Nota de rodapé 6).

¹⁰ Referimo-nos aqui ao excerto em que Jan, durante o combate contra o exército alemão na Europa, “volta(va) a ser um polonês olhando para o inimigo” (UPPT, 265).

foi esse sofrimento todo, transmitido de pai pra filho, foi esse sofrimento todo que fez a gente amar tanto esta terra. *A Polônia não morrerá enquanto estivermos vivos; o que os outros nos roubaram, com as nossas espadas retomaremos*. Todo polonês sempre pensou assim. Éramos obrigados pelas circunstâncias. Então lutamos muito pela Polônia (UPPT, 79).

É imprescindível notar, que a hiperbolização aqui referida, apesar de constituir uma das marcas de escrita de Wierzchowski, por muitos pesquisadores passa despercebida (cf. Brambilla, Aquino 2020).

Já foi mencionada a pressuposta inconsequência da autora, que apresenta o seu protagonista como condenado a falar mal na língua do país de chegada (que, respeitando a aversão de Wierzchowski, também não chamaremos de “sua pátria”). Ao mesmo tempo, Wierzchowski parece enaltecer o valor da sua língua original, procurando na sua suposta dificuldade um argumento a favor da sua superioridade: “nunca vi uma língua tão difícil quanto o seu idioma polonês!” (UPPT, 319), exclama com respeito uma das protagonistas secundárias. Na mesma conversa, tira-se mais uma conclusão da dificuldade linguística que o polonês apresenta:

“Dowidzenia” (*sic*)¹¹, respondeu Jan.

Já em pé, ela sorriu: “O que foi que você falou?”

“É assim que se diz adeus na minha língua.”

“Fizeram-na assim tão difícil porque é uma palavra que nunca deveria ser dita. Os poloneses são inteligentes” (UPPT, 133–134).

É curioso observar como se atribui aos falantes nativos de polaco uma inteligência maior, apesar de esta não se manifestar na hora de aprender o português.

Apesar de tudo o que o país acolhedor oferece (note-se em primeiro lugar a facilidade com a qual Jan, mesmo sem dominar o português, atinge o seu novo lugar na escala social), o “aqui” das cartas de Jan nunca se compara com o “aí”. Pois “a vida na Polônia, embora doce, era dificultosa, árdua” (UPPT, 47) e mesmo o facto de o Brasil resistir ao “germe do fascismo” (UPPT, 66) e oferecer abrigo a refugiados de guerra não vai convencer Jan a se identificar como apenas brasileiro. As partilhas, mencionadas como a razão pela qual “as fronteiras se moveram incessantemente, deixando para trás uma série de ódios, de ressentimentos” (UPPT, 75) não contradizem, na visão de Wierzchowski, o apego patriótico do seu antepassado.

Finalizando a reflexão sobre as possíveis intenções de Letícia Wierzchowski, não se pode negar o facto de que a sua escrita “contém um potencial muito grande de afirmação étnica, seja para os próprios descendentes de imigrantes poloneses quanto para os “outros” (Weber 2008: 320). Sem dar uma resposta definitiva à pergunta central deste trabalho, pode-se no entanto postular que a autora tem consciência dos erros e injustiças cometidas tanto por, como contra os poloneses no Brasil. As mágoas do passado são indubitáveis, como o explica Budakowska (2014: 112):

¹¹ A expressão polonesa usada para cumprimentar é composta por duas palavras, que deveriam aparecer separadas.

A comunidade imigratória polonesa era percebida como um segmento separado da sociedade, diferente de outros, na língua, cultura, mentalidade e na zona de origem. (...) Seu modelo de identidade grupal/coletivo direcionado para preservar os valores culturais do país de origem, comparado com a fraca participação nas insituições do país acolhedor, foi a causa do incumprimento das expectativas sociais quanto ao grau da integração no novo meio.

Por mais difícil que se revele afirmar uma identidade disputada e complexa, é preciso fazer com que ela se torne um assunto literário, para que funcione como um elemento cultural. Letícia Wierzchowski mostra na sua escrita tanto a indulgência, como uma profunda consciência de missão, já que não se trata apenas de criar imagens positivas do passado, mas antes fortalecer bases identitárias para as gerações que vieram depois e que estão a formar a sociedade brasileira agora. Concluindo com mais uma tentativa de definir os romances de Wierzchowski dentro do campo da criação artística:

Trata-se do que se pode chamar de “literatura migrante” ou “literatura da migrância”, na qual os dois horizontes culturais – o do país de origem e o do país de chegada – são contemplados e onde se podem verificar passagens transculturais, ou seja, quando uma cultura fertiliza a outra, gerando algo de novo que não é mais totalmente polonês nem ainda inteiramente brasileiro (Bernd 2013: 39–40)

REFERÊNCIAS

- AÍNSA Fernando, 1991, *La nueva novela histórica latinoamericana*, México: Plural.
- BERND Zila, 2013, Retraçando a memória da imigração polonesa no RS: uma leitura da obra de Letícia Wierzchowski a partir dos rastros, *Alea*, vol. 15(1): 29–40.
- BRAMBILLA Edemilson Antônio, Aquino Ivânia Campigotto, 2020, A re-escrita da história na ficção de Letícia Wierzchowski: um estudo dos aspectos políticos e sociais presentes em “O menino que comeu uma biblioteca”, *Raído*, v. 14, n. 35: 291–303.
- BUCHMANN Elane Tomich, 1995, *A trajetória do Sul: um estudo sobre a identidade do imigrante polonês no sul do Brasil*, Curitiba: Coleção Farol do Saber.
- BUDAKOWSKA Elżbieta, 2014, *Etnicidade polonesa no Brasil à luz de pesquisas sociológicas*, Warszawa: Biblioteka Iberyjska.
- DEMBICZ Andrzej, 2000, *Polonia latynoamerykańska. Tożsamość kontynentalna, regionalna, lokalna. Perspektywa brazylijska*, (in:) *Tożsamość oraz percepcja Polski i polskości w środowiskach Polonii latynoamerykańskiej: materiały z konferencji, Warszawa, 2-3 grudnia 1999*, Mariusz Malinowski (red.), Warszawa: UW CESLA.
- DOUSTDAR Neda Mohtadi, 1990, *Imigração polonesa: raízes históricas de um preconceito*, Curitiba, Tese de Mestrado, UFPR.
- IANNI Octavio, 1972, *Raças e classes sociais no Brasil*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- KAWKA Mariano, 1996, *A presença polonesa no Brasil*, (in:) *Relações entre Polônia e Brasil – passado e presente*, Andrzej Dembicz, Marcin Kula (red.), Warszawa: CESLA.
- KULA Marcin, 1983, *Dzieje Polonii w Ameryce Łacińskiej*, Warszawa: PAN.
- KULA Marcin, 2012, *Polono-brazylijczycy i parę kwestii im bliskich*, Warszawa: Biblioteka Iberyjska.
- MARTINS Wilson, 1955, *Um Brasil diferente. Ensaio sobre fenômenos de aculturação no Paraná*, São Paulo: T. A. Queiroz.
- MOCYK Agnieszka, 2005, *Piekło czy raj? Obraz Brazylii w piśmiennictwie polskim w latach 1864–1939*, Kraków: Universitas.

- OLCHA Antoni (red.), 1971, *Emigracja polska w Brazylii. 100 lat osadnictwa*, Warszawa: Ludowa Spółdzielnia Wydawnicza.
- OLIVEIRA Márcio, 2015, A inesperada descoberta de Otávio Ianni sobre preconceito contra descendentes de imigrantes poloneses em Curitiba, *Revista Sociedade e Estado*, v. 30, n. 3: 779–817.
- PEDRO Joana Maria, 2001, *Mulheres do sul*, (in:) *História das mulheres no Brasil*, Mary del Priore (red.), São Paulo: Contexto, 278–321.
- TOFANELO Gabriela Fonseca, 2018, A importância da memória em romances de Leticia Wierzchowski, *Palimpsesto*, n. 27, ano 17: 29–39.
- WACHOWICZ Ruy, 1981, *O camponês polonês no Brasil*, Curitiba: Fundação Cultural Casa Romário Martins.
- WEBER Regina, 2008, Uma ponte para Terebin, *Métis: história & cultura*, v. 7, n. 13: 319–322.
- WENCZENOVICZ Thaís Janaina, 2020, Cultura, identidade(s) e memória na imigração polonesa no Rio Grande do Sul, *História. Debates e Tendências*, v. 20, n. 3: 135–152.
- WIERZCHOWSKI Letícia, 2006, *Uma ponte para Terebin*, Rio de Janeiro: Record.
- WOLNY Anna, 2020, *Nem polones nem judia – a polaca na literatura brasileira do séc. XX*, Kraków: Wydawnictwo Uniwersytetu Jagiellońskiego.